A photograph of a modern building with a curved, perforated facade. The building features a prominent curved section with a large, arched opening. The facade is composed of reddish-brown tiles with small, square perforations. The building is set against a clear blue sky. In the foreground, there is a paved courtyard with a grid pattern of light-colored tiles. The overall scene is brightly lit, suggesting a sunny day.

FACULDADE DE LETRAS • U.P.

GUIA DO ESTUDANTE
1995 / 96

2.132 607200

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto



GUIA DO ESTUDANTE
XVI

História
1º ano

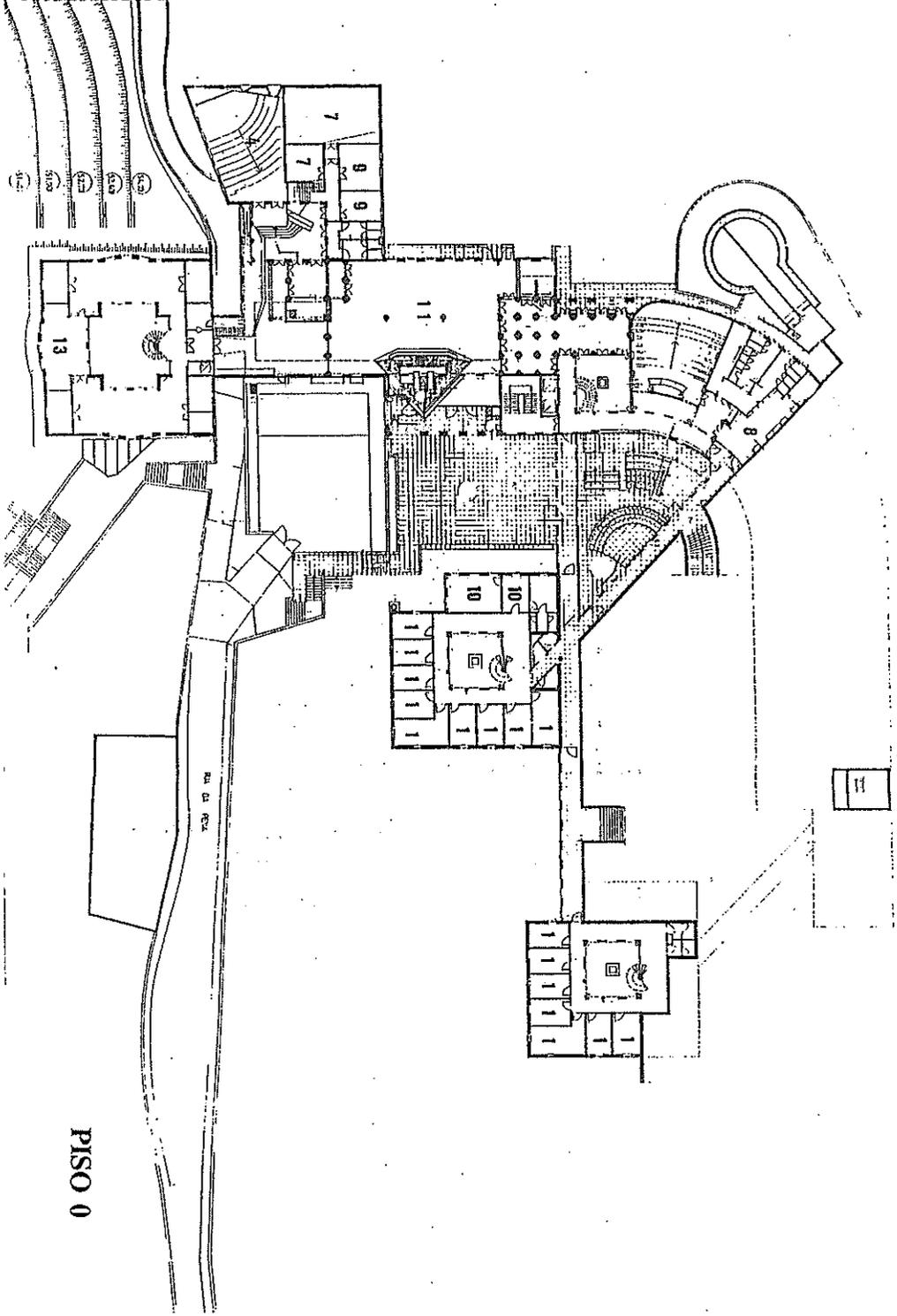
CONSELHO DIRECTIVO
1995

Guia do Estudante da FLUP.HIS: 1º Ano
Vol.16, 1995-96
Publicação Anual

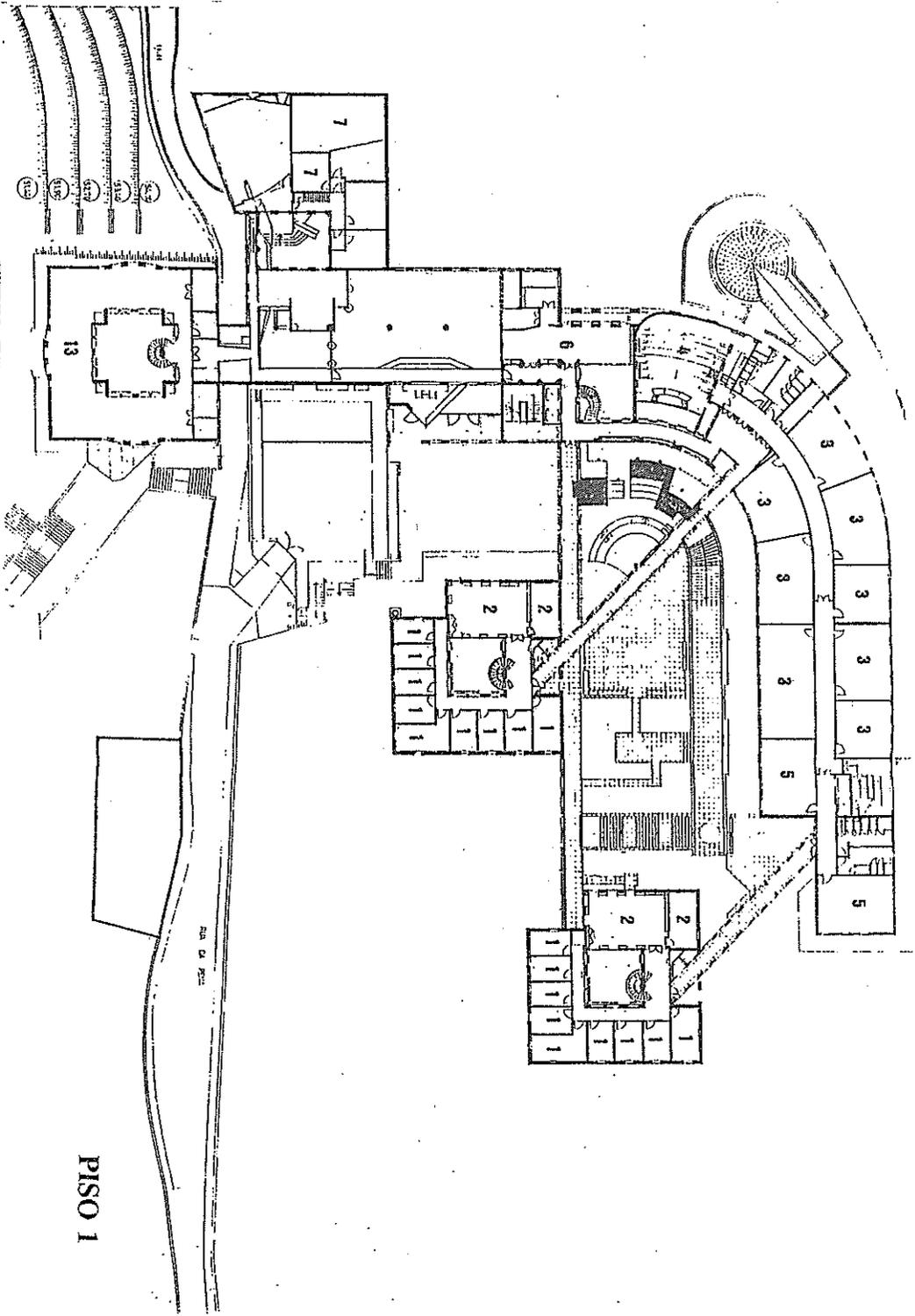
Dactilografia: Margarida Santos
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: **230** exemplares

LEGENDA

1. Gabinetes dos Professores
2. Institutos
3. Salas de Aula
4. Anfiteatros
5. Associação de Estudantes
6. Serviços Administrativos
7. Audiovisuais
8. Livraria
9. Sala de Computadores
10. Sala de Tradução
11. Bar
12. Laboratórios/Áreas de Investigação
13. Biblioteca

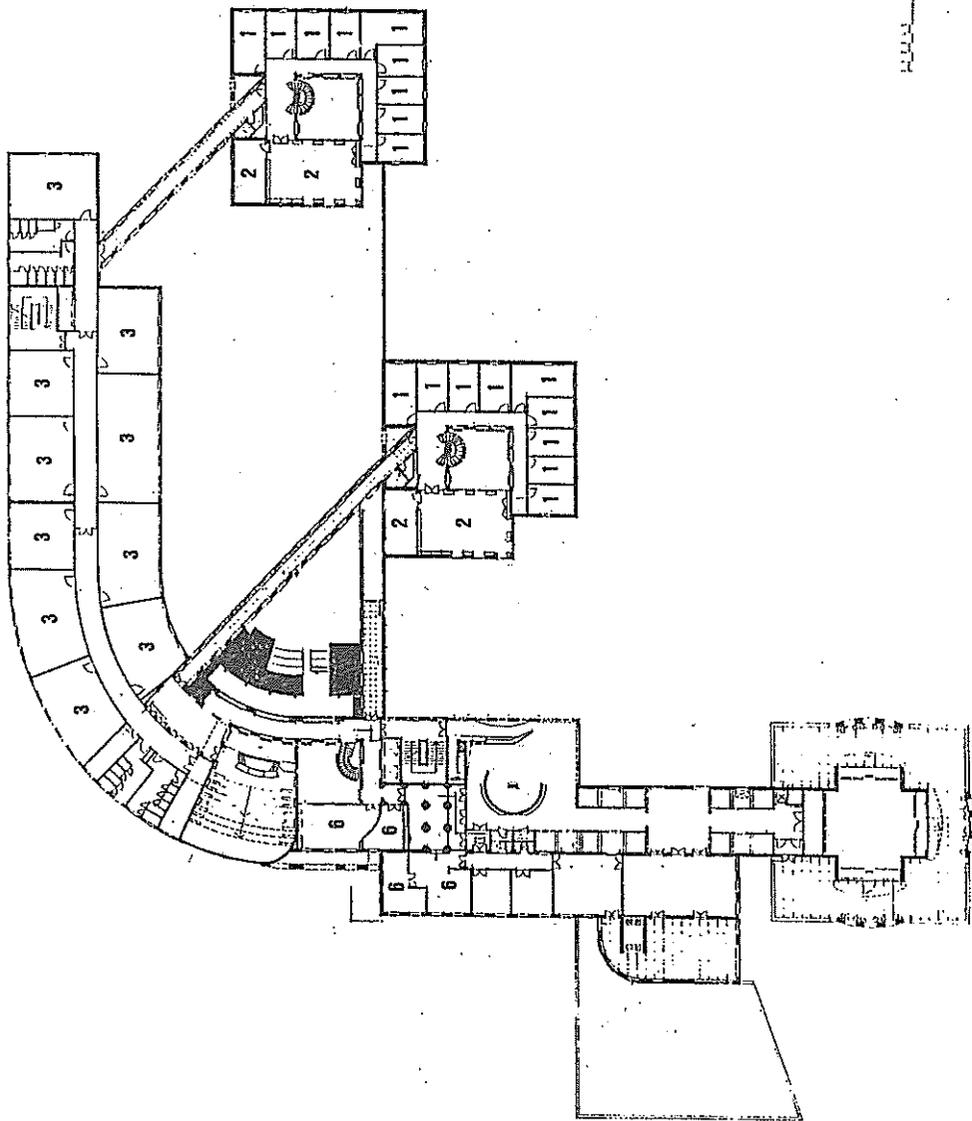


PISO 0

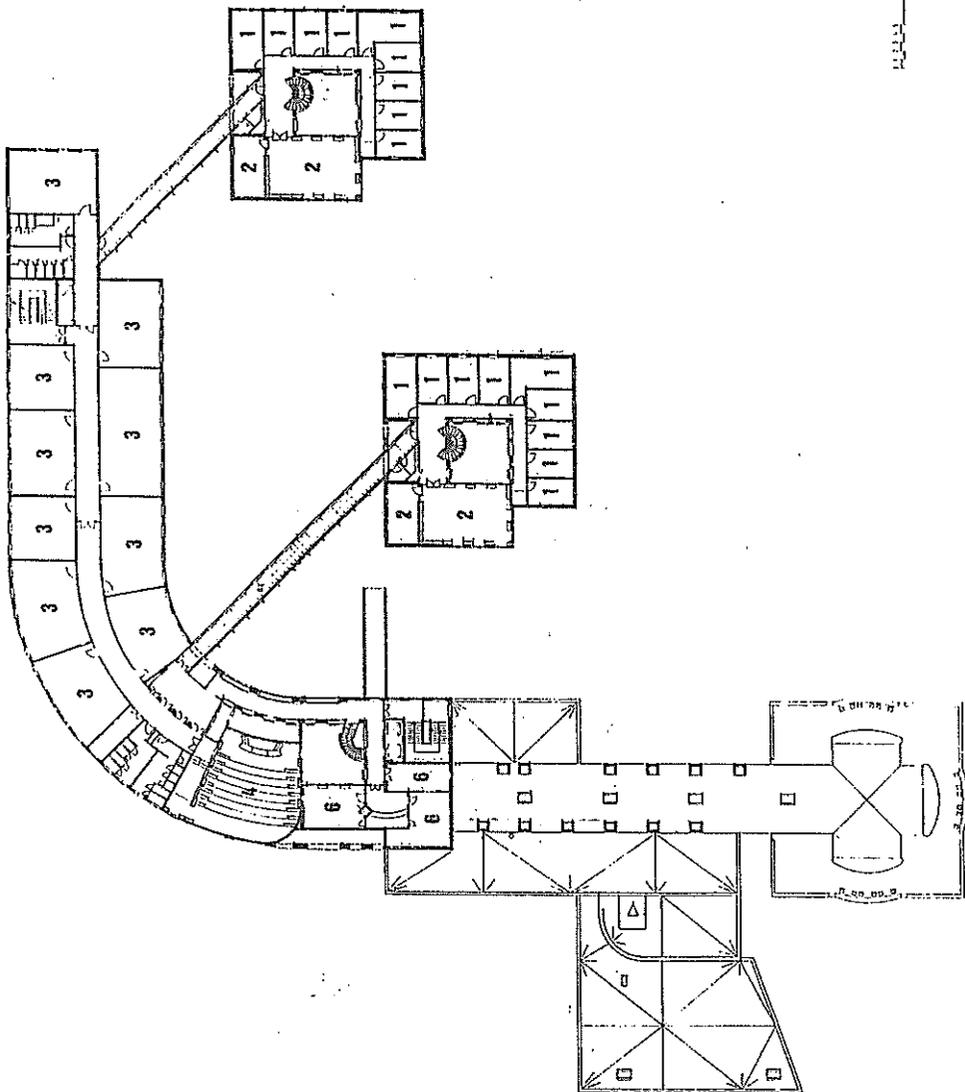


PISO 1

PISO 2

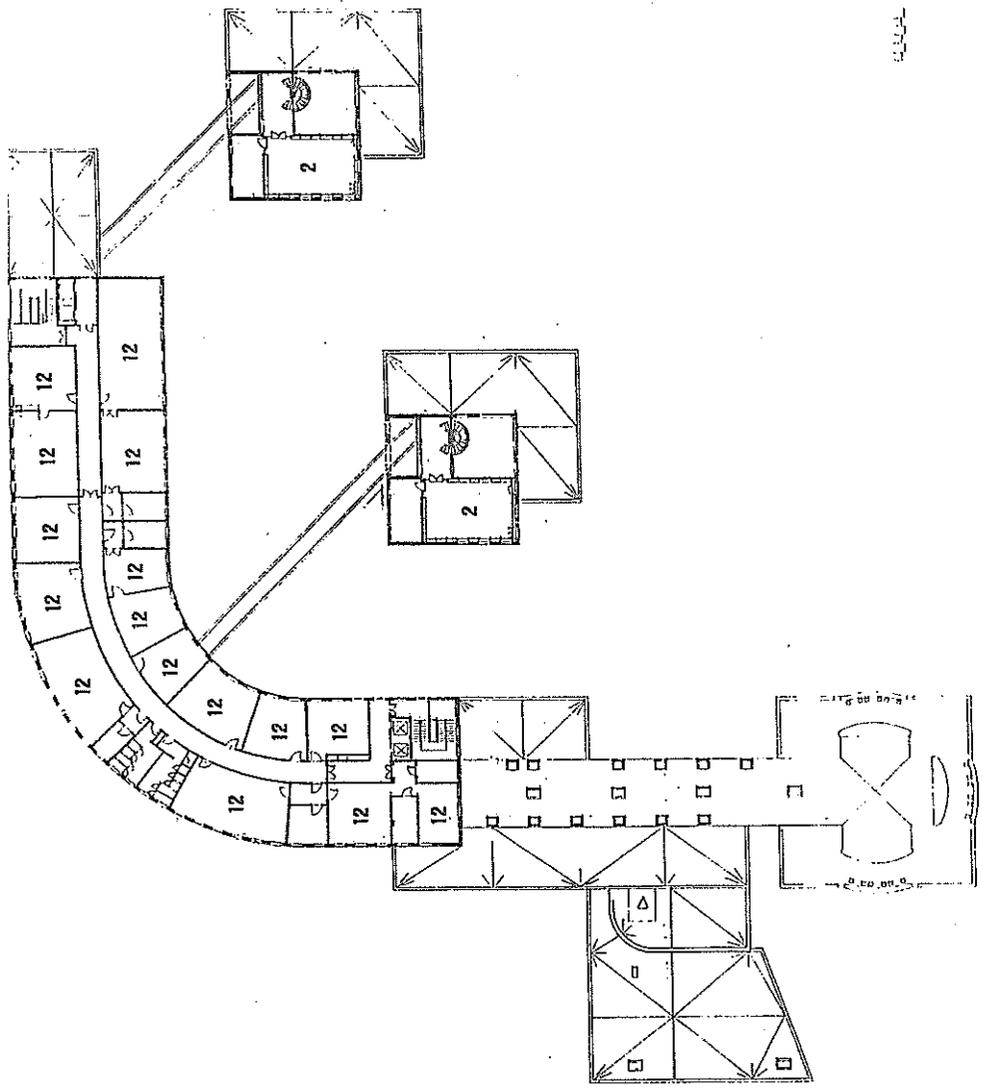


PISO 3



PISO 4

00001 - 17



INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE

INTRODUÇÃO

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto é hoje um dos maiores organismos de ensino superior do país. É também uma instituição prestigiada pela sua produção científica e cultural, e pelos serviços especializados que presta ao meio, para além da sua óbvia e primária missão de ministrar um leque de diversificados cursos, tanto de licenciatura como de pós-graduação.

Aos desafios decorrentes de encabeçar uma Escola tão complexa, acrescenta-se ao Conselho Directivo, no ano lectivo de 1995-96 que em breve se inicia, um novo e importante repto. Vamos finalmente mudar para um edifício definitivo, que se espera que potencie todas as virtualidades da nossa comunidade académica, constituída por professores, discentes e funcionários. Estamos certos de que, com a colaboração harmoniosa de todos, vamos vencer mais este desafio, provando na prática a "cultura de Escola" que se impõe sempre aprofundar, e que será um motivo acrescido de orgulho de pertencermos à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. De facto, esperamos que a mudança para o novo edifício corresponda também a uma transformação no sentido de um mais desanuviado clima de diálogo entre todos, única forma de ultrapassar as dificuldades que sempre ocorrem à medida que a realidade se complexifica. Mas essa complexificação pode ser também um importante estímulo, motor de enriquecimento mútuo.

Para ajudar o aluno a "navegar" nesta rede complicada que é a Faculdade e, especificamente, o curso que cada um frequenta, e cumprindo uma tradição que vem do ano lectivo de 1980/81, o Conselho Directivo publica agora a 16ª edição do "Guia do Estudante". Aos professores e funcionários que diligentemente o prepararam presta a sua homenagem; aos alunos que dele se vão servir como instrumento de trabalho deseja as melhores felicidades no seu estudo e na sua vivência universitária.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1995

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 14H00 - 16H30
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultâneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.

2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.

3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.

4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.

5- Literatura Medieval. Cultura Medieval, 1992.

6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e

Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses

" de Estudos Norte Americanos

" de Estudos Germanísticos

" de Geografia

" de Cultura Portuguesa

" de Arqueologia

" de Documentação Histórica Medieval

" de Filosofia e História da Filosofia

" de História de Arte

" de Língua Portuguesa

" de Literatura Comparada

" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

" de Sociologia

" de Ciências da Educação

" de Estudos Franceses

Sala Brasileira

" Espanhola

" Neerlandesa

" de História Moderna

" de História Medieval

Centro de História

" de Linguística

" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

História (Variante Arte)

História (Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º, 4º e 5º anos).

b) Tradução

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados:

História Medieval

História Moderna

História Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

História da Cultura Portuguesa (Época Moderna)

Filosofia do Conhecimento

Filosofia Medieval

Filosofia da Educação

Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas

Estudos Anglo-Americanos
Linguística Portuguesa Descritiva
Geografia
Sociologia

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

F - Actividades de extensão cultural - O Ciclo de Conferências promovidas pelo Conselho Directivo no ano lectivo anterior, terá continuidade no presente ano lectivo. Foi já publicado o texto da 1ª Conferência, proferida em 31 de Março de 1993: SOVERAL, Eduardo Abranches de, Meditação Heideggeriana, Conferências da FLUP, Ed. do Conselho Directivo, 1993

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório (Port. 850/87):

1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

- a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;
- b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);
- c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

a) Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.

b) Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reúnem as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso.

c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.

3. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 4/Julho/94)

*** pede-se atenção para alterações pontuais a estas Normas**

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1994-1995.

Estas normas pretendem corresponder a uma renovação das nonnas até agora vigentes.

Embora a muitos pareça necessária uma remodelação profunda destas normas, o Conselho Pedagógico optou por uma reformulação que mantivesse a estrutura global do método de avaliação, uma vez que o projecto de reestruturação dos cursos ainda nao entrou em funcionamento. Todavia, pareceu-nos urgente simplificar e clarificar as normas de avaliação, já que elas, com os sucessivos ajustamentos que têm sofrido, se têm revelado demasiado complexas, com uma formulação confusa, repetitiva e, por vezes, contraditória.

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:

- a. Avaliação contínua.
- b. Avaliação periódica.
- c. Avaliação final.

2. Nos termos do artigo 18º é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação, prevalecendo, dentro de cada uma dessas formas de avaliação, as normas respectivas.

3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo obrigatórios, definidos nos termos dos artigos 2º, 16º, 17º e 18º.

Artº 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando:

a) objectivos pedagógico-didáticos;

b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;

c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;

d) os índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos de campo, participação nas aulas teóricas e práticas).

e) o número e o tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.

2. O estipulado no ponto 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

a) número de alunos;

b) número de docentes;

c) natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Uma das provas tem que ser obrigatoriamente um teste escrito.

3. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados.

4. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

Artº 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada apenas em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.

2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.

3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75% das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

Artº 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, até quinze dias antes da realização do primeiro teste de avaliação periódica. Os alunos que desistirem da avaliação contínua só poderão submeter-se à avaliação final.

3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao docente.

Artº 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo artigo 13º.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 8 - Tipos de provas

1. O número mínimo de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente um teste efectuado na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho elaborado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2º.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo para além das duas provas de avaliação periódica, os referidos trabalhos deverão obrigatoriamente regular-se pelo disposto no artigo 18º.

3. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

Artº 9 - Repescagem

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

2. Os alunos que não estejam na situação referida no ponto 1, ou que tenham faltado a uma das provas, têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realização simultaneamente com o exame final da época normal.

3. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser igual ou superior a 9,5 para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

Artº 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Os alunos que não compareçam a uma das provas, mas queiram optar ou manter-se nesta modalidade de avaliação, devem entregar ao responsável da cadeira uma declaração datada e assinada, até cinco dias úteis após o reinício das aulas, para o caso da primeira prova. Para a segunda prova, o prazo é de cinco dias após a realização da mesma.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto no ponto 2 optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que compareça a duas provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 13º.

Artº 11 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação média negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final

na época de recurso nas condições fixadas pela lei gera e conforme os artigos 13º e 15º das actuais normas.

Artº 12 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 8º, 9º e 10º, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são, no mínimo duas e precedem a prova oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 20º.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 15º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma, obrigatória, com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, nunca podendo ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para que os alunos se considerem aprovados nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 13 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requecido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Nos exames finais, épocas de recurso e especial, há apenas uma chamada por cada disciplina.

3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2º e do artigo 18º.

4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiram em regime de avaliação contínua ou periódica.

5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

6. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4º ano dos diversos cursos, com excepção do de Sociologia, podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou contínua na época normal, sem limite de número de disciplinas.

8. O recurso referido no ponto 7 não pode ser repetido na época de Setembro.

Artº 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez. Esta melhoria tem que ser realizada até à época de recurso (inclusivé) do ano lectivo seguinte.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.

3. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de 7,5 valores, excepto no caso das disciplinas de línguas vivas em que a nota mínima é de 9 valores.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a 10 valores ficam dispensados da prova oral (excepto no caso das línguas vivas) sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

6. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina, que não as línguas vivas, sob proposta do responsável pela disciplina, por decisão do Conselho Pedagógico e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO, SEMINÁRIOS E COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação aquele em que haja pesquisa bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

Artº 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currícula das licenciaturas, nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação os alunos ficam obrigados a participar num número determinado de reuniões definido no início do seminário.

3. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação, sem prejuízo de outras provas a realizar.

4. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem nonmas estipuladas no artigo 16º.

5. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2º.

6. Os seminários do Ramo Educacional, dada a sua especificidade, não podem ser repetidos para efeito de melhoria de nota.

Artº 18 - Combinação de modalidades de avaliação (Cursos de Geografia e de Sociologia)

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente aos conteúdos teóricos; avaliação contínua relativamente aos conteúdos práticos.

2. Para que os alunos se considerem aprovados é obrigatória uma nota mínima de 9,5 a cada uma das componentes.

3. No caso de avaliação inferior a 9,5 numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do artigo 2º, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, teórica e prática.

6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 19 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final, bem como esta última, têm de ser publicadas sob a forma de nota qualitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações finais são apresentadas em números inteiros, sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.

Artº 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias úteis após a realização da mesma.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

Artº 22 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.

2. Em caso de fraude comprovável, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3. Caso haja apenas suspeitas de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.

4. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 23 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.

2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 24 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo é de 2 dias úteis depois de afixado o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico poderá delegar num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

I - DISPOSIÇÕES FINAIS

O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entender necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

PUBLICAÇÕES

I - REVISTAS

Revista da Faculdade de Letras - Séries de:

História, I série: 1971-1974; II série: 1984 ss.

Filosofia, I série: 1970-1973; II série: 1985 ss.

Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.

Geografia, 1985 ss.

Sociologia, 1991 ss.

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série, 1980 ss.

Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 1990 ss

Revista de História (INIC/Centro de História da Univ. do Porto), 1978 ss

Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso (Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto - Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 1994ss.

II - ANEXOS da Série de «LÍNGUAS E LITERATURAS»:

Problemáticas em História Cultural (Actas do Colóquio de Outubro, 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal. 1501-1700, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo II", 1988

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão (Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989

FARDILHA, Luís Fernando de Sá - *Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana. Edição das suas Fontes*, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo IV", 1991

Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII (Actas do Colóquio de Maio, 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo V", 1993

Verbo e Estruturas Frásicas. Actas do IV Colóquio Internacional de Linguística Hispânica (Lípsia, 22-25 de Novembro de 1993), «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», «Anexo VI», Porto, 1994

Historiografia Gramatical (1500-1920). Língua Portuguesa - Autores Portugueses, Compilação e Organização de Simão Cardoso, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», «Anexo VII», Porto, 1994

III - Colecção «CONFERÊNCIAS DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO»

Edição do CONSELHO DIRECTIVO:

Eduardo Abranches de Soveral - *Meditação Heideggeriana*, Porto, 1993

José Adriano de Freitas Carvalho - *A Herança do Sebastianismo* (A publicar)

António Teixeira Fernandes - *A crise do Estado nas sociedades contemporâneas*, Porto, 1993

Luís António de Oliveira Ramos - *As Universidades em tempo de cooperação*, Porto, 1994

Rosa Fernanda Moreira da Silva - *A formação profissional na FLUP a curto e médio prazo. Uma interpretação geográfica*, conferência publicada com o título: *Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu enquadramento nacional e regional*, Porto, 1994

Humberto Baquero Moreno - *Os Mudéjares no Portugal medievo*, Porto, 1994

Arnaldo Baptista Saraiva - *Um franco atirador contra a Universidade pós-pombalina ou a visão séria e jocosa de «O Reino da Estupidez»* (A publicar)

Oscar Lopes - *A crítica do liberalismo por Oliveira Martins*, Porto, 1995 (A publicar)

IV - TRABALHOS PUBLICADOS EM COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

Com o INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (INIC):

ARAÚJO, Luís Carlos Gomes de - *A Ética como Pensar Fundamental. Elementos para uma Problemática da Moralidade*, "Estudos Gerais. Série Universitária", Lisboa, IN-CM, 1992

BRITO, Ana Maria Barros de - *A Sintaxe das Orações Relativas em Português. Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*, "Linguística - 17", Porto, INIC/Centro de Linguística (U.P.), 1991

CARVALHO, José Adriano Moreira de Freitas - *Gertrudes de Hefta e Espanha*, "Literatura - 5", Porto, INIC/Centro de Literatura (UP), 1981

FERNANDES, José Alberto V. Rio - *A Foz. Contribuição para o Estudo do Espaço Urbano do Porto*, Porto, INIC/FLUP, 1985

FONSECA, Luís Alberto Adão da - *O Condestável D. Pedro de Portugal*, "História - 5", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1982

HOMEM, Armando Luís de Carvalho - *O Desembargo Régio (1230-1433)*, "História Medieval - 5", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1990

MARQUES, Helder - *Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Ensaio de Geografia Humana*, Porto, INIC/FLUP, 1985

MARQUES, João Francisco - *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, "História - 6", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1986

MARQUES, João Francisco - *A Parenética Portuguesa e a Restauração - 1640-1668*, 2 vols., "História Moderna e Contemporânea - 2", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1988

MARTINS, Luís Paulo Saldanha - *Níveis Urbanos no Noroeste de Portugal. Dimensão Populacional e do Comércio a Retalho*, Porto, INIC/FLUP, 1985

PINA, Maria Helena Mesquita - *Bertiandos. Actual Arranjo do Espaço Agrário*, Porto, INIC/FLUP, 1985.

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro - *Abordagem a Alguns Aspectos da Compreensão Verbal na Criança. Estudo Psicolinguístico do "Token Test" e de Materiais de Metodologia Complementar*, "Linguística - 8", Porto, INIC/Centro de Linguística (UP), 1988

SANTOS, Cândido dos - *Os Jerónimos em Portugal. Das Origens aos séculos do Século XVIII*, "Textos de História - 3", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1980

SANTOS, Eugénio dos - *O Oratório no Norte de Portugal*, "Textos de História - 4", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1982

SOUSA, Armindo de - *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*, "História Medieval - 4", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1990

VILELA, Mário Augusto Quinteiro - *O Léxico da Simpatia Humana e Social. Estudo sobre o Campo Lexical da Determinação Substantiva de Simpatia Humana e Social (1850-1900)*, "Linguística - 1", Porto, INIC/Centro de Linguística (UP), 1980

Com o NÚCLEO DE ESTUDOS FRANCESES DA UNIVERSIDADE DO PORTO:

REVISTA:

Intercâmbio, 1990 ss

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

BRITO, Ferreira de - *Nas Origens do Teatro Francês em Portugal*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - *Revolução Francesa. Emigração e Contra-Revolução*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - *Voltaire na Cultura Portuguesa. Os Tempos e os Modos*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1991

Com a BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO:

EIRAS, Adriano - *Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989

V - PUBLICAÇÃO DE ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS
REALIZADOS OU APOIADOS PELA FLUP: Ver no final do «Guia»

VI - OUTRAS PUBLICAÇÕES DA FACULDADE:

CONSELHO DIRECTIVO

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1989

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss

Faculdade de Letras. 1988-1989, Porto, 1989; 2ª ed., 1994

Dissertações Académicas, Porto, 1991

Conferências da Faculdade de Letras do Porto, Porto 1993 ss

BIBLIOTECA CENTRAL:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss. (A partir do vol. 13, nº 2, Jul./Dez 1991 editado também em suporte informático)

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989; 1992 (Edição também em suporte informático)

Publicações de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo II", Porto, 1989; 1994 (Ed. em suporte informático)

Núcleo das Obras que Constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990

Catálogo do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1992

Catálogo da Sala Brasileira «Adolfo Casais Monteiro», Porto, 1993

Catálogo do Instituto de Arqueologia, Porto, 1993

Catálogo do Instituto de Geografia, Porto, (Ed. em suporte informático)

Bibliografias Temáticas

Boletim de Sumários

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990; 3ª ed., 1992; 4ª ed., 1994 (Ed. em suporte informático)

Dissertações Académicas, Porto, 1992; 1994 (Ed. em suporte informático)

Actas das 4ª Jornadas PORBASE, Porto, Biblioteca Central da FLUP, 1991

VII - PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS NORTE DE PORTUGAL - AQUITÂNIA (CENPA):

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia, Porto, Universidade do Porto - Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1986

PEREIRA, Gaspar Martins - *O Douro. A Vinha, o Vinho e a Região de Pombal a João Franco*, Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1990

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

VIII - PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO (AEFLUP):

REVISTAS:

Humanidades, 1982 ss.

Ícone. Revista de Colaboração Artística, I, 1-2, 1990

Letras Soltas. Jornal da AEFLUP, 2, Nov.-Dez., 1992

Incubó. Jornal da AEFLUP, 1993

BIBLIOGRAFIA MAIS IMPORTANTE SOBRE A F.L.U.P.:

CRUZ, António - As Bodas de Prata da Restauração da Faculdade de Letras, «O Tripeiro», Série nova, Porto, IV, 11-12 Nov.-Dez., 1985, pp. 323-331

DIONÍSIO, Sant'Anna - A Quinta Amarela, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 12.3.1958

DIONÍSIO, Sant'Anna - Nasceça da Decantada Faculdade de Filosofia e Filologia do Porto, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 1.12.1980

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989 (Em colaboração com a Faculdade de Letras do Porto)

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - Os 25 Anos da Faculdade de Letras: Passado e Presente, «Revista da Faculdade de Letras - História», IV, Porto, 1987, pp. 293-307

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - A História que nos fez e a História que se faz da Primeira à Segunda Fase da Faculdade de Letras do Porto, Congresso «O Porto na Época Contemporânea» (Ateneu Comercial do Porto, Outubro de 1989)

HURST, N.R.- O Ensino e o Estudo do Inglês na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (F.L.U.P.), «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VII, Porto, 1990, pp. 237-245

HURST, N.R. - Some Implications of Innovation in the Arts Faculty of Porto University. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», X, Porto, 1993, pp. 199-202

PINA, Luís de - Faculdade de Letras do Porto (Breve História), «Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto», I, Porto, 1966, pp. 59-172

RAMOS, Luís António de Oliveira - Notas sobre a Origem e Estabelecimento da Faculdade de Letras do Porto, «Boletim Cultural», Porto, Câmara Municipal do Porto, 1983, pp. 245-260 (Reeditado in Sob o Signo das Luzes, Lisboa, IN/CM, 1988, «Leonardo Coimbra e a Criação da Faculdade de Letras do Porto», pp. 201 -221)

SÁ, Victor de - Notas sobre o Ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - História», III, Porto, 1986, pp. 199-209

SILVA, Rosa Fernanda Moreira da - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, «Conferências da Faculdade de Letras do Porto - V», Porto, Edição do Conselho Directivo, 1994

TORRE, Manuel Gomes da - Dr. Luís Cardim. Dos Liceus para a Antiga Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», IV, Porto, 1987, pp. 279-300

TORRE, Manuel Gomes da - Papel da Faculdade de Letras do Porto na Formação de Professores de Línguas Vivas Estrangeiras. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VI, Porto, 1989, pp. 135-150

PROGRAMA

PRÉ-HISTÓRIA

Docente: Dr. João Pedro Cunha Ribeiro

O. INTRODUÇÃO

Génese e desenvolvimento dos estudos pré-históricos. A arqueologia pré-histórica principais métodos de investigação e seu enquadramento teórico.

1. O QUATERNÁRIO

As principais modificações paleo-ambientais ao longo do Quaternário e a definição de uma crono-estratigrafia da Préhistória.

2. A ORIGEM DO HOMEM

Do aparecimento e evolução dos primeiros homínídeos à emergência do Homo sapiens sapiens.

3. O PALEOLÍTICO

O desenvolvimento tecnológico e a evolução das estratégias de subsistência das primeiras sociedades humanas. As mais antigas sepulturas humanas e as suas primeiras manifestações artísticas.

4. EPIPALEOLÍTICO / MESOLÍTICO

Os caçadores recolectores pós-glaciários e o aproveitamento das novas condições ambientais.

5. O NEOLÍTICO

Principais teorias explicativas sobre o aparecimento de uma economia de produção.

O Neolítico do Próximo Oriente: a região dos Montes Zagros, o Levante e a Anatólia.

O Neolítico na Europa: o Sudeste europeu e a Europa Central, o Mediterrâneo Ocidental, a Europa Atlântica e a emergência do fenómeno megalítico.

6. O CALCOLÍTICO E A IDADE DO BRONZE NA EUROPA

Das primeiras sociedades metalúrgicas ao desenvolvimento das primeiras civilizações.

BIBLIOGRAFIA

BINFORD, Lewis R. - Em busca do passado, Publicações Europa--América, Col. Forum da História, Lisboa, s/d.

CHALINE, Jean - A Evolução Biológica do Homem, Editorial Notícias, Lisboa, 1984

DENNELL, Robin - Prehistória Económica de Europa, Alianza Editorial, Madrid, 1991

GAMBLE, Clive - El poblamiento paleolítico de Europa, Editorial Crítica, Barcelona, 1990.

GUILAINE, Jean (dir. de) - La Préhistoire d'un Continent à l'Autre, Larousse, Paris, 1989.

LEAKEY, Richard, As origens do homem, Ed. Presença, Lisboa, s/d.

LEROI-GOURHAN, André - As religiões da Pré-história, Edições 70, Col. Perspectivas do Homem, Lisboa, s/d.

REDMAN, Charles - The rise of Civilization. From Early Farmers to Urban Society in the Ancient Near East, W. H. Freeman and Co, San Francisco, 1978.

RENAULT-MISKOWSKY, J. - L'environnement au temps de la Préhistoire. Méthodes et modèles, Masson, Paris, 1985

VÁRIOS (dir de J. Garanger) - La Préhistoire dans le Monde. Nouvelle édition de la Préhistoire d'André Leroi-Gourhan, Nouvelle Cléo, P.U.F., Paris, 1992

CIVILIZAÇÕES PRÉ-CLÁSSICAS

Docente: Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias

I. Quadro Geral das Civilizações Pré-Clássicas

1. Delimitação Geográfico-cronológica.
2. O salto qualitativo da Idade do Bronze.

II. A Civilização do Egípto Faraónico

1. A importância do rio Nilo: região e povo.
2. As dinastias faraónicas e sua cronologia.
3. Sociedade, Economia, Cultura e Região.

III. As Civilizações Mesopotâmia: Cidades e Impérios

1. Os sumeros.
2. Os Acâdicos.
3. Os Assírios.
4. Os Babilonenses.

IV. As Cidades de Canã e difusão do Alfabeto

1. Mari e Ebla.
2. Ugarit (Chipre).
3. Israel e os "Povos do Mar".

V. Panorâmica de Civilizações

1. Civilizações Minóica, Micénica e Celta (Europa).
2. Civilizações do Rio Amarelo.
3. Civilizações Ameríndias (América).

BIBLIOGRAFIA

Anatologias de Textos

PRITCHARD, J. B. - Anciente Near East Texts (ANET), 3ª. ed.,
Princeton University Press, 1973

VÁRIOS - Israel e Judá - Textos do Antigo Oriente Médio, São Paulo,
Ed. Paulinas, 1985

Indicações bibliográficas

GARELLI, Paul - El Proximo Oriente Asiático, 2 vols., Barcelona, ed. Labor, 1980,1985 (Col. "N. Clio", 2,2 bis)

CARREIRA, José Nunes - Introdução à História e Cultura Pré-Clássica. Guia de Estudo, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1992

TAVARES, António Augusto - As Civilizações Pré-Clássicas. Guia de Estudo. Lisboa, Ed. Estampa, 1980

N.B. - Para cada capítulo será fornecida bibliografia adequada; também haverá recurso a textos de apoio.

SOCIEDADES, CULTURAS E CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS

Docente: Dr. Carlos Alberto Brochado de Almeida

GRÉCIA

1. O mundo Creto-Micénio.
2. O mundo Homérico
 - 2.1. Deuses e heróis
 - 2.2. O mundo do "oikós"
3. A formação da "Polis"
 - 3.1. Transformações económicas e sociais
 - 3.2. Alargamento da Héíade
 - 3.3. A "revolução" hoplítica
 - 3.4. Legisladores
 - 3.5. Tiranos
 - 3.6. A revolução Clisteniana
4. Instituições políticas das "polis" gregas
5. O século de Péricles
 - 5.1. Atenas "escola da Grécia"
6. Tempo de crises
 - 6.1. Imperialismo e tributos
 - 6.2. Federações de cidades
7. Temas:
 - A religião grega
 - O teatro antigo

BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre - Economia e Sociedade na Grécia Antiga, Ed.70, Lisboa, 1986

- BURCKERT, Walter - Mito e Mitologia, Ed. 70, Lisboa, 1991
- FERREIRA, José Ribeiro - Hélade e Helenos, Coimbra, 1983
- FESTUGIÈRE, André J. et alii - Grécia e Mito, Gradiva, Lisboa, 1988
- FINLEY, Moses I. - O Mundo de Ulisses, Lisboa, Ed. Presença, 1980
- GRIMAL, Pierre - O Teatro Antigo, Ed. 70, Lisboa, 1986
- "- Dicionário de Mitologia Grega e Romana, Difel, Lisboa, 1992
- MOSSE, Claude - A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo, Ed. 70, Lisboa, 1989
- "- Histoire d'une démocratie: Athènes, Éd. du Seuil, Paris, 1971
- "- As Instituições Gregas, Ed. 70, Lisboa, 85
- PEREIRA, M^a Helena da Rocha - Hélade, Coimbra, 1972
- SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel - Os Deuses da Grécia, Ed. Presença, Lisboa, 1991
- VEYNE, Paul - Acreditaram os Gregos nos seus Mitos?, Lisboa, Ed. 70, 1987

ROMA

1. Fundação de Roma
2. A Roma dos Reis
3. A Roma republicana
 - 3.1. Expansão e conquista
 - 3.2. Transformações sociais
 - 3.3. A crise agrária
 - 3.4. A crise política
 - 3.5. Guerras civis e ambições pessoais
4. Roma no século I a.c.
 - 4.1. Triunviratos
 - 4.2. A evolução na sociedade
 - 4.3. A afirmação da ordem equestre
 - 4.4. A literatura latina e a nova mentalidade
5. Roma imperial
 - 5.1. A Administração
 - 5.2. O Exército
 - 5.3. Cultura e ideologia política
 - 5.4. Cultura e religião

5.5. Hierarquia e relações sociais

6. Temas:

- A família e a unidade doméstica
- Romanização
- Feminismo

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. - O Domínio Romano em Portugal, Publ. Européia-América, Mem Martins, 1988
- CRUZ, Sebastião - Direito Romano, Coimbra, 1980
- GARNSEY, Peter; SALLER, Richard - El Imperio Romano, Ed. Crítica, Barcelona, 1990
- GLAY, Marcel le - Rome, Perrin, Paris, 1987
- "- La Religion romaine, Armand Colin, Paris, 1971
- GIARDINA, Andrea et alii - O Homem Romano, Ed. Presença, Lisboa, 1991
- GRIMAL, Pierre - La Civilisation Romaine, Paris, Armand Colin, 1971
- HARMAND, L. - Société et Économie de la République Romaine, Paris, Armand Colin, 1976
- HEURGON, Jacques - Rome et la Méditerranée Occidentale jusqu'aux Guerres Puniques, Col. Nouvelle Clio, 1980
- LEVI, Mario Atilio - Augusto e il suo tempo, Rusconi, Milano, 1986
- SIRAGO, Vito Attilio - Femminismo a Roma, Rubbettino, 1983
- VEYNE, Paul - La Società Romana, Editori Laterza, Roma, 1990
- "- O Império Romano, in História da Vida Privada, dir. Philippe Ariès e Georges Duby, Círculo dos Leitores, Vol.I, Lisboa, 1989

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA

Docentes: Prof. Doutor Ivo Carneiro de Sousa

Dr. José Augusto Pizarro

Dr^a Maria Inês Amorim

Dr^a Maria José Moutinho

I. Aulas teóricas

1. O campo da história: epistemologia, metódicas, problemas. A observação histórica. O discurso histórico.

2. Fontes, factos, dados e monumentos: "história-documento" e "história-problema". A construção cultural das fontes históricas.

3. A história da história: historiografia, cultura histórica, representação e memória histórica.

4. A historiografia portuguesa das origens dos nossos dias.

II. Aulas Práticas

1. Como trabalhar em Ciências Humanas.

1.1. Noções metodológicas gerais.

1.2. Instrumentos de trabalho.

2. Fontes.

2.1. Fontes escritas.

2.1.1. Fontes documentais.

2.1.2. Fontes literárias.

2.2. Fontes não escritas.

2.2.1. Fontes materiais.

2.2.2. Fontes iconográficas.

2.2.3. Fontes orais.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

ARIÉS, Philippe - O Tempo da História, Lisboa, 1992

BAROJA, Júlio Caro - Las falsificaciones de la Historia, Barcelona, 1992

BERMEJO BARRERA, Jose Carlos - El final de la historia. Ensayos de historia teórica, Madrid, 1987

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé - As Escolas Históricas, Lisboa, 1990

BRAUDEL, Fernand - História e Ciências Sociais, Lisboa, 1972

- CARBONELL, Charles-Olivier - Historiografia, Lisboa, 1987
- CASANOVA, Julián - La Historia social y los historiadores, Barcelona, 1991
- CHARTIER, Roger - História (A) Cultural: entre práticas e representações, Lisboa, 1988
- CIPOLLA, Carlo M. - Entre la Historia y la Economía. Introducción a la historia económica, Barcelona, 1991
- COCHRANE, Eric - Historians and Historiography in the Italian Renaissance, Chicago, 1985
- DOSSE, François - La historia en migajas. De «Annales» a la «nueva historia», Valencia, 1988
- FEBVRE, Lucien - Combates pela história, 2 vols., Lisboa, 1977
- FONTANA, Josep - La Historia después del fin de la historia, Barcelona, 1992
- GARDINER, J. (ed.) - What is history today?, Londres, 1988
- GINZBURG, Carlo - A Micro-História e outros ensaios, Lisboa, 1991
- GODINHO, Vitorino Magalhães - Ensaio, III - Sobre Teoria da História e Historiografia, Lisboa, 1971
- GUENÉE, Bernard - Histoire et Culture Historique dans l'Occident médiéval, Paris, 1980
- HIMMELFARB, Gertrude - The New History and the Old, Harvard, 1987
- JAY, Martin - Force Fields. Between Intellectual History and Cultural Critique, Nova Iorque-Londres, 1993
- LACAPRA, Dominick e KAPLAN, Steven L. - Modern European intellectual History. Reappraisals and new perspectives, Ithaca-Londres, 1987
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir. de) - Fazer História, 3 vols., Lisboa, 1977, 1981 e 1987
- " - La Nouvelle Histoire, Paris, 1978
- LOZANO, Jorge - El discurso histórico, Madrid, 1987
- MÍNGUEZ, César González - La otra História. Sociedad, Cultura y Mentalidades, Bilbao, 1993
- MONTARANI, M. et al. - Problemas actuales de la História, Madrid, 1993
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo - A Historiografia Portuguesa, 3 vols., Lisboa, 1972, 1973 e 1974
- SOUSA, Ivo Carneiro de - André de Resende e a História da Antiguidade da Cidade de Évora, Porto, 1993
- WHITE, Hayden - The content of the form. Narrative discourse and historical representation, Baltimore, 1990

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ARTE

Docentes: Prof. Doutor Fausto Sanches Martins
Dr^a Lúcia Cardoso Rosas

1. HISTÓRIA DA ARTE: Aspectos Teóricos e Metodológicos

1.1. Conceito e objectivos.

1.2. Método científico.

1.3. Divisões.

1.3.1. Cronológica.

1.3.2. Geográfica.

1.3.3. Lógica.

2. FONTES DA HISTÓRIA DA ARTE

2.1. A Obra de Arte: A primeira fonte.

2.1.1. Lugar de Conservação.

2.1.1.1. No solo.

2.1.1.2. "In situ".

2.1.1.3. Nos museus.

2.1.1.4. Bibliotecas públicas.

2.1.1.5. Coleções privadas.

2.1.1.6. Exposições.

2.2. Bibliografia

2.2.1. Repertórios bibliográficos.

2.2.2. Léxicos e dicionários.

2.2.3. Enciclopédias.

2.2.4. Heurística.

2.2.5. Sínteses.

3. HISTORIOGRAFIA DA ARTE

3.1. Antiguidade e Idade Média.

3.2. Renascença.

3.3. Séc. XVII-XVIII.

3.4. De Winckelman aos nossos dias.

3.5. Em Portugal.

4. ARQUITECTURA

4.1. Âmbito.

4.1.1. Arquitectura civil.

4.1.2. Arquitectura religiosa.

4.1.3. Arquitectura militar.

4.2. Elementos Formais.

4.2.1. Muros e vãos

4.2.2. Suportes e coberturas.

4.2.3. Decoração.

4.2.4. Organização do espaço.

4.2.5. Aspectos sociais.

4.2.6. Materiais.

5. PINTURA

5.1. Elementos formais.

5.1.1. Temática.

5.1.2. Composição.

5.1.3. Cor.

5.1.4. Luz.

5.1.5. Proporção.

5.1.6. Espaço.

5.2. Suportes, Materiais e Técnicas.

5.2.1. Fresco.

5.2.2. Têmpera.

5.2.3. Óleo.

5.2.4. Pastel.

5.2.5. Acrílico.

5.2.6. Aguarela e guache.

5.2.7. Encaústica.

5.2.8. Miniatura.

6. ESCULTURA

6.1. Definições e limites.

6.2. Materiais.

6.3. Técnicas.

6.4. Luz e cor.

6.5. Composição e expressão.

7. ARTES DECORATIVAS

- 7.1. Mosaico.
- 7.2. Esmalte.
- 7.3. Vitral.
- 7.4. Cerâmica.
- 7.5. Talha.
- 7.6. Vidro.
- 7.7. Marfim.
- 7.8. Tecidos.
- 7.9. Metais.
- 7.10. Mobiliário.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- 1977
- ARGAN, Giulio Carlo - Guida a la Storia dell'Arte, Firenze, Sansoni,
- BONET-CORREA (dir. de) - Historia de las Artes Aplicadas e Industriales en España, Manuales Arte, Madrid, Cátedra, 1982
- FERNANDEZ ARENAS, José - Teoria y metodologia de la historia del arte, Barcelona, Anthropos, 1982
- GENICOT, Luc Francis - Introduction aux sciences auxiliaires traditionnelles de l'histoire de l'art, Louvain-la-Neuve, 1984
- KOCH, Wilfried - Estilos de Arquitectura I e II, Lisboa, Presença, 1985
- LAVALLEYE, Jacques, Introduction a l'Archeologie et à l'histoire de l'art, Louvain-la-Neuve, 1979
- LUCIE-SMITH, Edward - Dicionário de Termos de Arte, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1990
- MARTIN GONZALEZ, Juan José - Las claves de la escultura, Barcelona, Ariel, 1986
- TEIXEIRA, Luís Manuel - Dicionario ilustrado de Belas-Artes, Lisboa, Presença, 1985
- TRIADÓ, Juan-Ramon - Las claves de la pintura, Barcelona, Ariel, 1986
- VÁRIOS AUTORES - Introducción a la Historia des arte, Barcelona, Barcanova, 1990
- Atlas d'Architecture Mondiale. Des Origines à Bysance, Paris, Ed. Stock, 1978
- Fuentes y Documentos para la Historia del Arte, 8 vol., Barcelona, Gustavo Gili, 1982-1983

Guía Completo de Pintura y Dibujo, Madrid, Hermann Blume, 1982

Guía Completo de Escultura, Modelado y Cerámica, Madrid, Hermann Blume, 1982

Técnicas de los grandes Maestros de la Alfarería e Cerámica, Madrid, Hermann Blume, 1985

INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA

Docente: Dr^a Maria de Jesus Sanches

0. Objectivos da disciplina: fornecer ao aluno uma primeira perspectiva de conjunto, teórico-prática, do que é a Arqueologia, nas suas múltiplas e diversificadas facetas e objectivos.

1. Breve história da Arqueologia no contexto da evolução dos saberes

2. Tem sentido falar de um "registo arqueológico"? O olhar do arqueólogo sobre as materialidades que nos envolvem

3. Métodos de prospecção e de escavação

4. Métodos de datação e de estabelecimento de cronologias

5. A interpretação dos "dados" arqueológicos

5.1. As pessoas e as populações

5.2. Estrutura das sociedades

5.3. Tecnologia e intercâmbio

5.4. Meio-ambiente e hábitos alimentares

5.5. Quadros de pensamento e de expressão

6. Por uma pluralidade de passados - pressupostos teóricos da "explicação" arqueológica

6.1. Perspectiva "histórico-cultural"

6.2. A "Nova Arqueologia" e a "Arqueologia processual"

6.3. As perspectivas "pós-processuais"

6.4. O que é que "faz correr" os arqueólogos?

7. Funções e contextos de actuação social da Arqueologia

7.1. A investigação, o ensino e a divulgação

7.2. Recuperação, salvaguarda e valorização do "património" - que vamos preservar, que vamos destruir

7.3. Legislação respeitante à actividade arqueológica

7.4. A Arqueologia como profissão e como produção de um discurso sobre a memória colectiva - a(s) política(s) do "passado"

Nota: nas aulas práticas serão apresentados dispositivos e vídeos, manipulados mapas e objectos, e os alunos serão iniciados nas técnicas mais elementares de abordagem da "realidade arqueológica", como a topografia, o desenho, a descrição e tipologia de materiais, etc. Os estudantes serão também convidados a comentarem curtos textos previamente distribuídos em fotocópia.

Apesar de tal aspecto não poder evidentemente contar para a avaliação desta cadeira, recomenda-se aos alunos a participação em visitas de campo, prospecções e escavações, atitude que deverão manter aliás durante todo o curso, procurando diversificar o tipo de estações arqueológicas em que a sua colaboração seja possível

BIBLIOGRAFIA

Manual obrigatório (deverá ser adquirido e inteiramente lido pelos alunos), em castelhano.

COLIN RENFREW e PAUL BAHN - Arqueologia. Teorias, Métodos e Prática, Madrid, Ed. Akal, 1993

HISTÓRIA DA ARTE ANTIGA

Docente: Prof. Doutor Fausto Martins

1. Introdução à Arte Clássica

1.1. A Arte pré-helénica.

1.2. O génio grego e o génio romano.

2. A arquitectura clássica

2.1. A arquitectura grega: técnicas, materiais, concepção espacial e tipologias.

2.2. A arquitectura helenística.

2.3. A arquitectura romana: técnicas, materiais, concepção espacial e tipologias.

3. A escultura clássica

3.1. A escultura grega: técnicas, materiais e iconografia.

3.2. A escultura romana e tardoromana. O retrato.

4. A Pintura no mundo romano

5. O urbanismo na Grécia e em Roma

6. A arte romana peninsular

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALARCÃO, J. - Portugal Romano, Editorial Verbo, Lisboa, 1983

BARROW, R.H. - Les Romains, Paris, Payot, 1962

GODIVIER, Jean-Louis (dir.) - Atlas d'architecture mondiale. Des origines à Byzance, Paris, Éd. Stock, 1978

HAMILTON, E. - A Mitologia, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1979

NORBERG-SCHULZ, Christian - La signification dans l'architecture occidentale, Bruxelas, Pierre Mardaga, 1977

PEREIRA, Maria Helena da Rocha - Estudos de História da Cultura Clássica, vol.I, 5ª ed., Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, 1980

PIJON, J. (dir.) - História da Arte, Lisboa, Publicações Alfa, 1972

HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO

Docentes: Prof. Doutor Gaspar Martins Pereira
Dr. António Barros Cardoso

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.

2. A cidade medieval.

2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.

2.2. Administração municipal durante a Idade Média.

2.3. Vectores de desenvolvimento económico.

2.4. A Cidade e o Termo.

3. O Porto na época moderna.

3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.

3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.

4. O Porto no século de Oitocentos.

4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.

4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.

Sugestões de temas para investigação

. O Porto e a expansão portuguesa.

. Instituições de cultura na cidade.

. O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).

. Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipali Portucalensi asservantur..., 5 vols, 1911-1961 Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

História do Porto, dir. de Luís A. de Oliveira Ramos, Porto, Porto, Editora, 1994

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938
COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2ª edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

HISTÓRIA COMPARADA DAS RELIGIÕES

Docente: Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias

1. Problemática das Religiões.

- 1.1. A ciência das religiões.
- 1.2. Natureza e origem das religiões.
- 1.3. Interpretações da religião.

2. As Grandes religiões contemporâneas.

- 2.1. Judaísmo, Cristianismo, Islamismo.
- 2.2. Hinduísmo, Budismo.
- 2.3. Taoísmo, Xintuismo.

3. As religiões da Antiguidade.

- 3.1. Pré-história e religiões tradicionais.
- 3.2. Religiões mediterrânicas e europeias.
- 3.3. Religiões ameríndias.

BIBLIOGRAFIA GERAL

CAILLOIS, Roger - O homem e o sagrado, Lisboa, 1979

ELIADE, Mircea - Tratado de História Comparada das Religiões, Lisboa, 1977

"- História das Crenças e das ideias religiosas, 4 tomos, Rio de Janeiro, 1978/80.

JAMES, Ewo - Introducción a la história de las religiones, Madrid, 1973

MESLIN, Michel - Aproximación a una ciencia de las religiones, Madrid, 1978

WIDENGREN, Geo - Fenomenologia de la Religión, Madrid, 1976

TOKAREV, Serguei - História das Religiões, Moscovo, 1986

HISTÓRIA DO BRASIL

Docentes: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos
Dr^a Conceição Meireles

1. Do Descobrimento à primeira organização territorial.
2. O período de formação (e delimitação) de fronteiras.
3. As fases (ou ciclos) da economia brasileira.
4. A Igreja: a missionação e a formação cultural das gentes.
5. Formação da Sociedade multirracial brasileira.
6. De Pombal à Independência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALMON, Pedro - História do Brasil, Rio de Janeiro, 1963

CAMINHA, Pero Vaz de - Carta a D. Manuel, várias edições

CARDIM, Fernão - Tratados da Terra e Gentes do Brasil. S. Paulo, 2^a ed., 1939

Cartas Jesuíticas, Edições Itatiaia, 3 vols., 1988

CORTESÃO, Jaime - Obras Completas, várias edições

HOLANDA, Sérgio Buarque (dir. de) - História do Brasil, várias edições

MAURO, Frédéric (org. de) - O império luso-brasileiro 1620-1750, Lisboa, 1991

NÓBREGA, Manuel da - Diálogo sobre a conversão do gentio, várias edições

SALVADOR, Fr. Vicente do - História do Brasil, várias edições

SILVA, Maria Beatriz Nizza da - O império luso-brasileiro. 1750-1822, Lisboa, 1986

SODRÉ, Nelson W. - Formação Histórica do Brasil, várias edições

MATEMÁTICA PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Docente: Prof. Doutor Henrique David

I.

1. O historiador, as estatísticas e a estatística.
2. O registo dos dados e a sua apresentação sob a forma de quadros.
3. Os gráficos.
4. Proporções, percentagens, raios, taxas, taxas de variação.
5. Os índices.
6. Progressões geométricas, variações exponenciais, taxas médias de variação, gráficos semi-logarítmicos.

II.

7. Análise de uma série estatística simples.
8. Análise de uma série estatística ponderada.
9. A regressão e a correlação.
10. Simplificação e tratamento de uma série cronológica.

BIBLIOGRAFIA

- DOLLAR, Charles M.; JENSEN, Richard J. - Historian's Guide to Statistics. Quantitative analysis and historical research, New York, Holt, Rinehart and Winston Inc., 1971
- FLOUD, Rodorick - Métodos quantitativos para historiadores, Madrid, Alianza Editorial S.A., 1975 (1ª ed., em inglês, 1973)
- HEFFER, Jean; ROBERT, Jean-Louis, SALY, Pierre - Outils statistiques pour les historiens, Paris, Publications de La Sorbonne, 1981
- JARAUSCH, Konrad H.; HARDY, Kenneth, A. - Quantitative Methods ofr Historians. A guide to research, data, and statistics, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1991
- LEVIN, Jack - Estatística aplicada às Ciências Humanas, S. Paulo, Editora Harper & Row do Brasil, 1978
- NAZARETH, J. Manuel - Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1981
- SALY, Pierre - Méthodes statistiques descriptives pour les historiens, Paris, Armand Colin Éditeur, 1991

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Docentes: Prof.Doutor Eugénio dos Santos
Dr^a Maria José Moutinho dos Santos

1. Raízes do pensamento pedagógico ocidental.
2. A construção da actividade pedagógica medieval: da desagregação do Império Romano do Ocidente à criação das grandes universidades.
3. Humanismo, Renascença e reflexão sobre as exigências da pedagogia do "homo novus".
4. A época barroca e a exigência de uma nova forma de enquadramento pedagógico.
5. O pensamento científico, o pré-iluminismo e as novas preocupações pedagógicas.
6. "Luzes" e educação.
7. O liberalismo e os novos ideais burgueses e democráticos na criação e funcionamento das escolas.
8. Socialismo, republicanismo e massificação da cultura: que escolas?
9. A pedagogia nos períodos entre as duas grandes guerras.
10. Os anos cinquenta - novas filosofias educativas e seus resultados práticos.
11. Escola e sociedade. A crise da escola.

OBS: Nas aulas práticas serão abordadas questões sugeridas pelos alunos decorrentes dos conteúdos das aulas teóricas.

BIBLIOGRAFIA

- ABGANANO, N; VISALBERGHI A. - História da Pedagogia, Livros Horizonte, 1981
- ARIÈS, Philippe - L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Regime. Paris, Seuil, 1973
- CARVALHO, Adalberto Dias de - Epistemologia das ciências da educação. Porto, Afrontamento, 1988
- CARVALHO, Rómulo - História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986
- CHARTIER, Roger - As práticas da escrita, in "História da vida privada", vol. 3, Porto, Edições Afrontamento, 1990, p. 113-161
- COMPERE, Marie-Madeleine; JULIA, Dominique - Les collèges français: 16e-18e siècles. Paris, CNR, 1984-1998
- GARIN, Eugénio - O Renascimento. História de uma revolução cultural. Porto, Telos Editora. 1972
- GOMES, Joaquim Ferreira, et al. - História da educação em Portugal. Lisboa, Livros Horizonte, 1988
- História Mundial da Educação, direcção de Jean Vial e Gaston Mialaret, Porto, Rés Editora, s/d
- LE GOFF, Jacques - Les intellectuels au moyen âge. Paris, Seuil, 1957
- MARROU, H-I - Histoire de l'éducation dans l'antiquité. Paris, Seuil, 1981
- MÓNICA, M^a Filomena - Educação e Sociedade no Portugal de Salazar. Lisboa, ed. Presença, 1978
- NÓVOA, António Manuel Sampaio da - Le temps de Professeurs - Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII-XX siècle). Lisboa, INIC, 1987
- SILVA, Francisco Ribeiro da - A Alfabetização no Antigo Regime. O caso do Porto e da sua região (1580-1650). "Revista da Faculdade de Letras - História", Porto, 2^a. série, vol. 3, Porto, 1986, p. 101-163
- STOER, Stephen - Educação, Estado e Desenvolvimento em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1982

HISTÓRIA DAS DOUTRINAS ECONÓMICAS E SOCIAIS

Docente: Prof. Doutor Jorge Fernandes Alves

1. Problemática geral - âmbito e natureza da disciplina.
2. O idealismo económico e social - da Antiguidade à Idade Média (de Platão à Escolástica)
3. O tempo da sistematização - a emergência da economia política (do mercantilismo a Adam Smith).
4. A Economia Política e a industrialização - ajustamentos e críticas (de Malthus e Ricardo ao neoclássicos).
5. A vertente socialista - da utopias às ideologias (de T. Morus a Marx e Bernstein)
6. Os problemas do século XX e as posições teóricas (de Keynes aos neo-liberais).
7. A crise actual, a interdependência, interrogações (a derrota ideológica? a vitória do mercado? o fim da história?)

Obs. As aulas práticas serão, de preferência, dedicadas ao publicismo de natureza económica e social de expressão portuguesa, cujos temas, autores e publicações serão discutidos e seleccionados com os alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMODÓVAR, António - A Institucionalização da Economia Clássica em Portugal, Porto, FEUP, dissertação de doutoramento, 1993
- BLAUG, Mark - A Metodologia da Economia, Lisboa, Gradiva, 1994
- "- História do Pensamento Económico, Lisboa, DomQuixote, 1989

- BONCOEUR, Jean e THOUÉMENT, Hervé - Histoire des Idées Économiques, Paris, Nathan, 1992
- CARDOSO, José Luis - O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII, Lisboa, Estampa, 1991
- CASTRO, Armando de - O Pensamento Económico no Portugal Moderno, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Col. Biblioteca Breve, 1980
- DELFAUD, Pierre - Keynes e o Keynesianismo, P. Europa-América, s/d
- DENIS, Henry - História do Pensamento Económico, L. Horizonte, 1974
- GALBRAITH, John Keneth - A Era da Incerteza - Uma história de ideias económicas e das suas consequências, Lisboa, Moraes, 1980
- HEILLBRONER, Robert L. - Os Grandes Economistas, Lisboa, P. Dom Quixote, 1974
- MORIN, Edgar - As Grandes Questões do Nosso Tempo, Lisboa, Editorial Notícias, 1992
- MORIN, Edgar e outros - Os Problemas do fim do Século, Lisboa, Editorial Noticias, 1991
- NUNES, Adérito Sedas - História dos Factos e das Doutrinas Sociais, Lisboa, Presença 1993
- PEDROSA, Alcino e outros - Contribuições para História do Pensamento Económico em Portugal, Publicações Dom Quixote, 1988

HISTÓRIA DAS DOCTRINAS POLÍTICAS

Docentes: Dr. Maciel Morais Santos

Dr. Jorge Ribeiro

1. O pensamento e as lutas políticas no século XVI.
2. Triunfo e declínio do absolutismo.
3. O Iluminismo e a sua influência na Revolução Americana e na Revolução Francesa.
4. Liberalismo, nacionalidades e imperialismos.
5. O Socialismo, dos românticos ao fim da IIª Internacional.
6. O pensamento contra-revolucionário.

BIBLIOGRAFIA

CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER-KOUCHNER, Evelyne - Histoire des Idées Politiques, Paris, Presses Universitaires de France, 1982

CHEVALLIER, Jean-Jacques - Les grands oeuvres politiques de Machiavel à nos jours, col. U, Paris, Armand Colin, 1970

ORY, Pascal (dir. de) - Nouvelle Histoire des Idées Politiques, Paris, Hachette, 1987

TOUCHARD, Jean (dir. de) - História das Ideias Políticas, vols. II e III, Mem Martins, Publicações Europa-América, s.d.

HISTÓRIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Docentes: Prof. Doutor Luís António de Oliveira Ramos
Dr. Jorge Ribeiro

1. Introdução à problemática das relações internacionais.
2. A Guerra dos Sete Anos. Suas repercussões nos continentes europeu e americano.
3. A Revolução Americana e a independência dos Estados Unidos. Reflexos internacionais.
4. A França e a Europa (1789-1815). As guerras da Revolução e do Império.
5. A Europa e o mundo (1815-1871). Dos movimentos revolucionários, à independência da América Latina e à unificação da Itália e da Alemanha.
6. Os imperialismos (1871-1914). A preponderância alemã; a I Guerra Mundial.

BIBLIOGRAFIA

- DROZ, Jacques - Histoire diplomatique de 1648 à 1919, 3ª ed., Col. Études Politiques Économiques et Sociales, Paris, Dalloz, 1972
- DUROSELLE, Jean-Baptiste - Tout empire périt. Théorie des relations internationales, Paris, Armand Colin, 1992
- RENOUVIN, Pierre (dir. de) - Histoire des Relations Internationales, 3 vols., Paris, Hachette, 1994
- RENOUVIN, Pierre; DUROSELLE, Jean-Baptiste - Introduction à l'histoire des relations internationales, 4ª ed., Paris, Armand Colin, 1991

ÍNDICE

Pré-História	1
Sociedades, Culturas e Civilizações Pré-Clássicas	3
Sociedades, Culturas e Civilizações Clássicas	5
Introdução à História	8
Introdução à História da Arte	10
Introdução à Arqueologia	14
História da Arte Antiga	16
Opções	
História da Cidade do Porto	17
História Comparada das Religiões	19
História do Brasil	20
Matemática para as Ciências Humanas e Sociais	21
História da Educação	22
História das Doutrinas Económicas e Sociais	24
História das Doutrinas Políticas	26
História das Relações Internacionais	27

